



ÁFRICA E BRASIL: DAS EXPRESSIVIDADES VISÍVEIS ÀS ESPONTANEIDADES INTANGÍVEIS. O CANDOMBLÉ ENQUANTO SISTEMA CULTURAL.

Leonardo Lazaro Faialon¹ Cristiane Santos Souza²

¹ Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades e Letras, e-mail: leofaislon@hotmail.com

² Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades e Letras, e-mail: criskasouza@unilab.edu.br

Resumo: O presente trabalho deseja expor reflexões acerca da experiência no projeto de iniciação científica PIBIC/CNPq/UNILAB – 2015/2016 “Volta ao mundo em imagens: Bimbau e Pierre Verger, caminhos que se cruzam, identidades que se forjam?” na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, no Campus dos Malês – BA, no período de 2015 e 2016, bem como, apresentar caminhos suntuosos percorridos a partir desta vinculação ao projeto de pesquisa, tal como, seu contributo para a minha introdução no universo acadêmico, em especial, para a elaboração do meu Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, titulado: “Candomblé: memória, oralidade e etnicidade, enraizadas no arvorecer de uma cultura fertilizada pela a amalgama de povos africanos”. A partir das leituras, estudos e formação dentro do grupo de pesquisa, foi possível ampliar perspectivas acerca do universo da Antropologia, substanciada, sobre tudo, pelo uso de narrativas históricas, culturais e sociais construídas pela memória a partir do registro oral das experiências e trajetórias de vida, enquanto metodologia e fonte de pesquisa do fazer etnográfico, desejando com isso, compreender a pluralidade e complexidade dos processos sociais, pois, concebe a memória enquanto uma fonte de registro coletiva, capaz de possibilitar diferentes perspectivas para o desvendamento destes processos e o fortalecimento dos sujeitos sociais subalternizados. Com efeito, outro fator preponderante que nutriu veementemente a construção de meu TCC e locupletou meus a fazeres acadêmicos, remetem aos estudos sobre a obra do Fotógrafo, Etnólogo e Antropólogo Pierre Fatumbi Verger, pois, Verger, constituiu um grande lastro de informações acerca das manifestações e sistemas culturais do continente africano em alusão a sua diáspora, onde existe uma fonte inesgotável de conhecimento, acima de tudo, quando visto pelo arcabouço da antropologia visual.

Palavras chave: candomblé, cultura afro-brasileira, memória, Verger.

INTRODUÇÃO

O grupo de pesquisa e extensão Nyemba – Memória, Narrativas e Processos Sociais ente o Brasil e a África, é semeado em comunhão com o projeto político e os compromissos sociais pelos quais permeiam os fundamentos das diretrizes da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, onde, acima de tudo, se afirma o comprometimento de estreitar os laços de cooperação entre o Brasil e os demais países de língua oficial portuguesa, em especial, os países do continente africano, quando, não obstante a decorrência do fortalecimento nas relações políticas e econômicas entre os estados, busca-se, prioritariamente, avigorar, estimular, legitimar e difundir as chamadas epistemologias do sul a partir do reconhecimento das similitudes e compreensão dos contextos e processos históricos, sociais e culturais entre as nações africanas e brasileira. Sendo assim, ancorado nesses princípios, o grupo de pesquisa e extensão Nyemba reúne pesquisadores, docentes e discentes interessados e compromissados em atuar ou coordenar projetos de pesquisa e



III SEMANA UNIVERSITÁRIA - 2016

ÉTICA NA FORMAÇÃO ACADÊMICA

extensão, dentro do arcabouço da Antropologia, que objetivam evidenciar e propagar narrativas históricas, sociais e culturais a partir de trajetórias e experiência de vidas, tomando como principais práticas metodológicas, interlocução e objeto de análise o resgate da memória coletiva forjada pela oralidade e o registro imagético, com isso, fomentar a notoriedade da produção de conhecimento dos povos historicamente subalternizados, desejando a reconção e o protagonismo de pessoas, histórias, trajetórias, territórios e culturas a luz de suas próprias epistemologias tonificadas pela valorização da memória ancestral e pelo elo identitário entre o Brasil e a África.

Germinado pelo tronco do Nyemba, ramifica-se o projeto de iniciação científica PIBIC/CNPq/UNILAB – 2015/2016 “Volta ao mundo em imagens: Bimbau e Pierre Verger, caminhos que se cruzam, identidades que se forjam?” que se propôs a investigar o jogo entre visibilidade e invisibilidade produzida em termos narrativos e sociais, tendo como foco a trajetória biográfica de Carlos Alberto Alves de Almeida – “conhecido na cultura” como Bimbau – a partir do seu relato oral e do ensaio fotográfico, produzido pelo fotógrafo, etnólogo e antropólogo Pierre Verger, no qual Bimbau aparece como protagonista. Os negativos deste ensaio e as fotografias produzidas por Pierre Verger, entre as décadas de 1960-1980, bem como o acervo particular de Bimbau, foram explorados, também, como forma de uma narrativa tecida e costurada sobre Salvador em alusão ao continente africano, aspecto central nas narrativas destas duas personagens, contribuindo assim, para o alargamento do campo temático da memória, da narrativa e da experiência, especialmente, das biografias e do seu lugar e importância no fazer (etno) gráfico, tal como, nas perspectivas de olhar frente os estudos na relação Brasil – África, a partir da investigação bibliográfica; em acervos fotográficos e documentais existentes no Brasil e nas regiões da África ligadas ao Brasil pela experiência da escravidão, contribuindo para abrir outras perspectivas de observação e análise destes universos socioculturais na contemporaneidade.

Dentro do escopo deste projeto de pesquisa, meu plano de trabalho designou-se ao desenvolvimento de recursos educacionais abertos – REA, de modo a contribuir para a construção de um repositório educacional livre para estudos da relação África-Brasil a ser disponibilizado pela UNILAB, assumindo como principais objetivos: estudar e compreender conceitos e tecnologias de desenvolvimento de recursos educacionais abertos – REA; conceber o REA para uso didático para professores da educação básica (fundamental e médio); analisar as possibilidades pedagógicas do uso de tecnologia na difusão de conhecimentos socioantropológico e histórico; produzir uma publicação didática de própria autoria; redigir relatórios de acompanhamento e elaboração de publicações de ensaios científicos (artigos). Para tanto, as metodologias incorporadas para execução do plano de trabalho primaram, sobre tudo, acerca do método da análise de conteúdo, possuindo como principais atividades específicas à análise do acervo organizado no banco de dados; leitura e análise de bibliografia pertinente ao tema e a produção de recursos educacionais abertos – REA (realizado sob a supervisão de um dos pesquisadores do projeto, especialista neste tipo de metodologia e técnica); apresentação de dois relatórios de acompanhamento e um final; participação nas reuniões de avaliação junto à coordenação do projeto; cumprimento de 20 (vinte) horas semanais de trabalho. Cabe informar que as atividades deste plano de trabalho não se esgotaram em sua totalidade, sobre tudo, considerando que o tempo de integralidade do projeto é superior ao tempo predisposto pelo edital do programa no qual este se insere. Reitero ainda que o desenvolvimento do projeto ao longo desse um ano de atividades muitas das vezes apresentou possibilidades outras que não puderam ser negligenciadas, assim como, enfrentou-se adversidades inesperadas que muitas das vezes fizeram mudar o rumo de sua



condução, fato esses que evidentemente comprometeram o cronograma do projeto.

Como fruto salutar dessa experiência tecida junto à confluência da minha etnicidade – meu lugar de origem, desde sempre enquanto sujeito “orgânico” do Candomblé, assentado no seio de um terreiro – em consonância com a minha condição de discente (graduando do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades) da UNILAB, onde tenho a oportunidade de conviver em proximidade cotidianamente junto a docentes e discentes naturais de países africanos de língua oficial portuguesa; bem como, minha inserção aguda em estudos e pesquisas que almejam negritar as congruências entre o Brasil e o Continente Africano, sou motivado e impulsionado a desenvolver meu trabalho de conclusão de curso inter cruzado com os fundamentos dos conjuntos teóricos e metodológicos que se debruçam em torno dos conceitos e aplicabilidade da memória e da oralidade, para estruturação e composição de narrativas históricas e culturais ancoradas nas experiências e trajetórias de vida dos sujeitos, enquanto aportes legítimos e eficientes, para ideação e constituição do conhecimento científico que foram apresentados e estudados ao longo deste um ano de vinculação no projeto de iniciação científica, onde ademais, tive a oportunidade enxergar e trilhar um opulento caminho, magnificamente aberto pelo Antropólogo, Etnólogo e Fotógrafo Pierre Fatumbi Verger que com notoriedade, tenacidade e sensibilidade, foi capaz de evidenciar e propagar as ascendências e analogias entre os contextos históricos, culturais e sociais africanos e afrodiáspóricos destacadas, dantes tudo, a partir da captura das expressividades e espontaneidades registradas em suas imagens. Repousado neste cenário, verso o trabalho titulado: “Candomblé: memória, oralidade e etnicidade, enraizadas no arvorecer de uma cultura fertilizada pela amalgama de povos africanos”, onde obstina-se apresentar algumas reflexões pelas quais se busca evidenciar ascendências entre o Candomblé e a cultura que tange a vida cotidiana da etnia Manjaco de Guiné- Bissau e Machangana de Moçambique, desejando elucidar a complexidade do sistema cultural operante no Candomblé, e desta forma, advogar para que o Candomblé seja concebido por outro ângulo que não somente o da lógica única de crença religiosa e, portanto, reivindicar seu reconhecimento social ao status de comunidade étnica, que, por conseguinte é detentora de diversificadas crenças religiosas, visto que seu cânone cultural é (co)existente na vivência dos seus sujeitos étnicos, quer dizer, são notados em sua espontaneidade, nos seus costumes, na maneira de se relacionar com o mundo e na forma de ver no mundo.

METODOLOGIA

A luz do pensamento complexo anseia-se investigar laivos de informações, deixados de forma exuberante pelas subjetividades contidas nas experiências e trajetórias de vida dos sujeitos em sociedade, tal como, nas diversidades dos processos sociais. Com isso, busca-se desvelar os múltiplos aspectos e conjunturas que constituem uma determinada realidade e sua especificidade, tecidas pela memória. Portanto, deseja-se coligar e fomentar a práxis dialética entre o conhecimento frutificado e imanente de determinadas experiências empíricas, com parte do aparato científico elaborado e alicerçado com bases no conhecimento teórico. Nesse sentido, a metodologia que se pretende articular para realização deste trabalho, tem seguido os parâmetros de uma pesquisa etnográfica e qualitativa. Para tanto, planeja-se propiciar um ambiente no qual seja possível e favorável eclodir uma experiência empírica, convidando os participantes da pesquisa – autóctones das etnias Manjaco e Muchangana – a vivenciarem a rotina do terreiro de Candomblé Ilê da Oxum Apara por um determinado período. Seguidamente, serão aplicados alguns métodos para coleta de dados, com o designo de apurar e mensurar os resultados desta experiência. Sendo assim, são adotados como



recursos aptos a coleta de dados, a pesquisa de campo; a observação sistemática e estruturada; entrevistas semiestruturadas; grupo focal e análise de narrativas de histórias de vida. Conjuntamente, é aplicado o método de análise de conteúdo e revisão do material bibliográfico, a fim de uma exploração exitosa do referencial teórico e dos dados coletado, com a intenção de fundamentar as hipóteses levantadas no decorrer da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A despeito do trabalho se encontrar em fase inicial, pôde-se notar já neste primeiro momento de análise das referências bibliográficas e, acima de tudo, do diálogo preliminar com as personalidades Manjaco e Muchangana, que prontamente se propuseram a contribuir com a pesquisa que, embora o lastro cultural do Candomblé tenha majoritariamente sua essência vinculada aos povos Nagô e Yorubá – que dentre outros são oriundos do território africano onde os limítrofes geopolíticos atuais os definem como, os Estados-Nações de Angola e Congo (Nagô) e Benin e Nigéria (Yorubá), foi possível constatar uma proeminente inter-relação entre o âmago do Candomblé com os conceitos e convicções que os participantes internacionais carregam com sigilo, verificado acima de tudo, a partir da percepção de alguns princípios fundantes que regem sobre suas vidas como, por exemplo: a hierarquia familiar e comunitária que impera sempre pela reverência ao ancião (a) ou ao mais antigo (a), cabendo a estes (as) a missão de preservar a memória e a sabedoria permitindo a continuidade dos ensinamentos transmitidos pela oralidade; a relevância do “matriarcado”; a presença marcante e a representatividade da circularidade e da coletividade; a crença nos seres existentes no universo imaterial, e na intervenção destes seres em nossas vidas; a noção de territorialidade, que pode ser entendida pela relação de interdependência entre o ser e o meio ambiente, tal como, com os seres intangíveis que igualmente habitam este meio; as “curas tradicionais”, que ultrapassam os limites compreendidos pela ciência da saúde convencional, não somente no que se refere às enfermidades de natureza física, mas, também sobre as complicações existentes no âmbito da saúde mental que, inclusive, podem afetar o corpo material; o corpo humano e sua interação com o cosmo físico e o metafísico, pois, o corpo é entendido como um “templo” individual ou a individualidade do ser que dialoga e troca energias com os seres do mundo não visível, assim como, é um espaço de simbologias e construções de narrativas. Ademais, os relatos apurados nesta primeira fase da pesquisa, aclamam por um equilíbrio salutar entre os conceitos dicotômicos de “tradição” e “modernidade”, outrossim, denunciam à continuidade escusa da dominação ocidental que promovem a supressão paulatina da nossa memória, nossos cultos e nossa língua materna.

CONCLUSÃO

Envolto por essas conjunturas, sou conduzindo para a compreensão de que os princípios estruturantes de nossa cultura (tanto no Candomblé quanto nas sociedades africanas), sobre os quais se dedica certificar neste trabalho, ultrapassam a dimensão da expressividade, do visível alcançando uma esfera cognitiva, metafísica onde os fundamentos filosóficos e cosmológicos configuram um patrimônio imaterial partilhado pela herança legada pela ancestralidade, que se perpetua em virtude da memória coletiva por intermédio da oralidade. Em termos metodológicos, ressalto que o uso do método de análise de conteúdo tem se demonstrado eficiente ainda que em pesquisas qualitativas.

AGRADECIMENTO



Antes de tudo, reverencio minha ancestralidade!

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer imensamente a Professora Doutora Cristiane Santos Souza, coordenadora e idealizadora do Grupo de pesquisa e extensão Nyemba e do projeto de iniciação científica “Volta ao mundo em imagens: Bimbau e Pierre Verger, caminhos que se cruzam, identidades que se forjam?” e orientadora em meu TCC, pela sua dedicação, compreensão, sensibilidade e amizade. De forma muito particular, agradeço a Professora Cristiane as orientações determinantes sobre minha pesquisa, sobre tudo, ao me apresentar e seduzir para o universo da antropologia e por provocar a reflexão acerca da minha produção acadêmica a partir da minha etnicidade. Agradeço profundamente a minha parceira e ao meu parceiro dentro do projeto de pesquisa, Bruna Thalita Maia e Emanuel Semeedo, pelo companheirismo, pela pró-atividade e engajamento. Dentro desse contexto, agradeço ainda aos companheiros e companheiras do Nyemba. Minha extrema gratidão, em especial, aos interlocutores desta pesquisa e deste projeto, a saber: aos amigos Luis Fernandes Junior e Chitungane Sebastião Chachuaio e a minha família espiritual e biológica que felizmente se confundem, ou seja, aos meus pais, minhas mães, irmãos e irmãs do Ilê de Oxum Apará, que para além de interlocutores, são presentes na minha trajetória a quem eu partilho boa parte da minha memória coletiva. Nesse sentido, em destaque, agradeço ao Senhor Bimbau, pela cooperação e contribuição com nosso projeto de pesquisa e, acima de tudo, pela importante trajetória de vida e por nos permitir partilhar de sua memória. Agradeço ainda as instituições mantedoras, institutos, departamentos, agências de fomento e parceiros por acreditarem e investirem em nosso projeto, sendo assim, agradeço a todo o corpo de técnicos administrativos que direta ou indiretamente estiveram envolvidos com nosso projeto. Em especial agradeço a toda equipe da Fundação Pierre Verger na pessoa da sua diretora Ângela Luhning e a equipe da Fundação Arca de Olorum na pessoa de seu fundador o senhor Bimbau, pela confiança e cooperação na disponibilização de materiais e acervos raros, valiosos e importantes.

Por fim, minhas reverências a Pierre Fatumbi Verger (*in memória*) pelo legado produzido para o universo antropológico e para valorização das culturas brasileiras e africanas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIM, Laurence. Análise de Conteúdo. Lisboa. Ed: Edições 70, LDA, 2010. Título original: *L'Analyse de Contenu*. Presses Universitaires de France, 1997. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro.

JÚNIOR, Marcílio Barbosa Mendonça de Souza, MELO, Marcelo Soares Tavares de, SANTIAGO, Maria Eliete. A análise de conteúdo como forma de tratamento dos dados numa pesquisa qualitativa em Educação Física escolar. *In: Movimento*. Porto alegre, v.16, n. 03, Julho/Setembro de 2010. Artigos Originais, p.31-49.

KOFES, Suely (org.). Histórias de Vida, Bibliografias e Trajetórias. Campinas. Cadernos do IFCH – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UNICAMP. Nº 31-2004. 2004.

LUHNING, Ângela. Pierre Fatumbi Verger e sua obra. *In: Afro Ásia*, 21-22(1998-1999), 315, 364.

PIVIN, Jean Loup, LÉON Pascal Martin Saint. Pierre Verger: o mensageiro - fotografias 1932-1962. Salvador. Fundação Pierre Verger, 2002.